



aniversário  
1954 • 2004

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLV - 2006

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SILVIA LOUREIRO

JOÃO NUNO MARQUES

ALEXANDRE VALINHO

*Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*

O ALTO PAIVA: A OCUPAÇÃO HUMANA NO I.º MILÉNIO A. C.  
“Conimbriga” XLV (2006) p. 105-123

RESUMO: Este trabalho faz uma análise geral sobre os resultados dos estudos que têm sido desenvolvidos na região do Alto Paiva acerca do povoamento humano durante o I.º milénio a. C., no âmbito dos projectos *O Alto Paiva – sociedade e estratégias de povoamento desde a Pré-história Recente à Idade Média* (coordenado pelo Doutor Domingos Cruz) e *O Alto Paiva – a ocupação humana no I.º Milénio a. C.* (coordenado por dois dos signatários).

ABSTRACT: In this paper we make a general analysis of the results of the studies that have been developed in the natural geographic area of Alto Paiva about the human occupation during the first millennium B. C.

(Página deixada propositadamente em branco)

# O ALTO PAIVA: A OCUPAÇÃO HUMANA NO I.º MILÉNIO A. C.

## Introdução

O trabalho que aqui apresentamos é o esboço de um primeiro quadro sobre o povoamento humano durante o I.º milénio a. C. na região do Alto Paiva.

Trata-se de um esboço porque a escassez dos dados e os resultados dos poucos sítios intervencionados (apenas quatro), não permitem por enquanto traçar linhas mais definidas e concretas sobre as comunidades que ocuparam esta região ao longo deste período.

O estudo da ocupação humana durante o I.º milénio a. C., mais especificamente no que diz respeito ao mundo dos vivos reflectido nos seus *habitats*, começa a dar os primeiros passos em 1997 com as escavações no povoado de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Vila Nova de Paiva) e, em 1998, no Castro de Vila Cova-à-Coelheira (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva) através do projecto de investigação *O Alto Paiva – sociedade e estratégias de povoamento desde a Pré-história Recente à Idade Média* (APPRIM), coordenado por Domingos Cruz. Em 2002 inicia-se um novo projecto de âmbito cronológico mais restrito denominado *O Alto Paiva – a ocupação humana no I.º Milénio a. C.* (APOHIM), coordenado por dois dos signatários<sup>1</sup>.

Com este projecto, que dá continuidade aos trabalhos desenvolvidos anteriormente, procurou-se o alargamento do conhecimento através do estudo de outros povoados numa tentativa de compreender as dife-

---

<sup>1</sup> Projectos integrados no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA), o primeiro (APPRIM) apresentado pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o segundo (APOHIM) pelos signatários. Os trabalhos tiveram o apoio logístico da Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva e do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, a quem agradecemos. Agradecemos ainda a todos os que participaram nas várias campanhas de escavação.

rentes estratégias de implantação e formas de apropriação do espaço e do meio natural em que se inserem, assim como as suas relações e interdependências.

## **O Alto Paiva**

A nossa área de estudo compreende a região natural do Alto Paiva. Este corresponde à bacia hidrográfica superior do rio Paiva e abarca o concelho de Vila Nova de Paiva, as zonas serranas dos concelhos de Moimenta da Beira, Tarouca e Castro Daire e parte dos concelhos de Sátão e Viseu. Está delimitado a sul pelo vale do rio Vouga; a este pela Serra da Lapa e pelo vale do rio Távora; a norte pelos contrafortes da Serra de Montemuro; e a oeste pela bacia de rio de Mel.

O rio Paiva e os seus afluentes: rio Côvo, rio Mau e rio Paivô são as principais linhas de água que atravessam esta região.

Os trabalhos que realizámos nesta área dividem-se entre trabalhos de escavação e de prospecção. Os primeiros compreendem as intervenções arqueológicas no Castro de Vila Cova-à-Coelheira (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva) e no povoado do Muro (Peravelha, Moimenta da Beira). Foi efectuada ainda uma sondagem no povoado de Sta. Bárbara, no concelho de Sátão.

Os trabalhos de prospecção foram direccionados quer para o reconhecimento, confirmação e caracterização de estações já referenciadas pela bibliografia; quer para a identificação de novos sítios que pudessem integrar o período cronológico em análise. Todavia, sobre este último aspecto, os resultados não têm sido muito animadores, podendo este facto estar relacionado com a acção antrópica que pode ter destruído estes sítios ou estarmos na presença de outro tipo de ocupações do espaço, provavelmente habitats mais pequenos, talvez casais (Alarcão, 1996b, p. 118-133) que orbitariam em torno destes povoados cuja realidade material seria menos evidente.

Assim sendo, no Alto Paiva são conhecidos oito povoados cuja cronologia se estende desde a Idade do Bronze até à Época Romana, um conjunto de três espetos do Bronze Final e duas inscrições rupestres de cronologia difícil de precisar dentro do Período Romano (Est. I).

### 1. *Castro Daire* (Castro Daire)

O povoado de Castro Daire localizar-se-ia no esporão sobranceiro à confluência dos rios Paiva e Paivô, onde actualmente se situa a vila de Castro Daire.

As primeiras informações que indiciam a existência de um povoado neste local são referentes à identificação de uma árula em Ponte Pedrinha, na base do monte (Figueiredo, 1887, p. 52-57; Correia *et alii*, 1986, p. 87). Este dado é, posteriormente, confirmado pela ocorrência de espólio que se estende cronologicamente desde o Bronze Final à Época romana (Correia *et alii*, 1986, p. 87-91 e 106-109; Silva, 1986, p. 106; Alarcão, 1988b, p. 55; Dias, 1991, p. 361-366; Vaz, 1997, p. 24).

### 2. *Outeiro da Maga* (Moledo, Castro Daire)

Trata-se de um cabeço amesetado com vertentes acidentadas, excepto a S / SE, voltado para a ribeira da Moita e com domínio visual para norte, oeste e sul; a este o alcance visual é cortado pelo monte de S. Lourenço.

A área ocupada corresponde à plataforma que constitui o topo do cabeço, sendo delimitada por um muro pouco expressivo, que Russell Cortez identificou como sendo a muralha do povoado (1951, p. 164-165).

Do espólio proveniente desta estação distingue-se o machado plano da colecção da Assembleia Distrital de Viseu e as cerâmicas bruidas com decoração tipo Baiões / Santa Luzia.

Dos vários autores que referem o sítio a opinião é concordante quanto à sua ocupação na Idade do Bronze e ao longo da Idade do Ferro (Cortez, 1951, p. 164-165, 181; Correia *et alii*, 1986, p. 97-99; Silva, 1986, p. 106; Pedro, 1995, p. 14; Alarcão, 1996a, p. 5-35; Pedro, 1996, p. 179; Vaz, 1997, p. 27). Russell Cortez aponta uma possível romanização do povoado, no entanto, até ao momento e nas prospecções realizadas recentemente, não foram registados vestígios desse período.

### 3. *Lamas de Moledo* (Castro Daire)

Perto do Outeiro da Maga, em Lamas de Moledo encontra-se um penedo com uma inscrição rupestre em língua lusitana que invoca um

sacrifício de animais e faz referência a três divindades e três unidades étnicas (Azevedo, 1954, p. 3-40; Silva, 1986, p. 300; Alarcão, 1988, p. 162-164; Vaz, 1988, p. 345-358; Curado, 1989, p. 351-353; 1996, p. 154-159). Alguns autores (Alarcão, 1996a, p. 13, 14; Vaz, 1997, p. 191), põem a hipótese de uma dessas etnias (*Magareaicoi*) estar relacionada com o povoado do Outeiro da Maga.

No que diz respeito à cronologia desta inscrição, embora alguns autores a situem no séc. II d. C. (Balmori, 1933, p. 78-119; Gomez Moreno, 1942; Tovar, 1967, p. 237-268), Inês Vaz, baseado na incipiente romanização do povoado do Outeiro da Maga, coloca a hipótese de ser do séc. I d. C. ou mesmo mais antiga (1997, p. 191-192).

#### 4. *Canedotes* (Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva)

Trata-se de um relevo cónico pontuado por grandes penedos graníticos e com vertentes inclinadas a sul e oeste. Nas restantes vertentes, dispõe de várias plataformas pequenas entre os afloramentos rochosos.

Tem visibilidade privilegiada sobretudo para sul e sobre os vales das linhas subsidiárias do rio Côvo.

Este povoado foi intervencionado por Alexandre Canha entre 1997 e 1999. Aqui foram identificadas estruturas de carácter doméstico feitas, provavelmente, em materiais perecíveis. Dentro do espólio recolhido, destacam-se as cerâmicas com decoração tipo Baiões / Santa Luzia e alguns objectos metálicos como um espeto em bronze. Os resultados das escavações demonstraram uma ocupação do Bronze Final, entre meados do séc. X e finais do séc. IX a. C (Vilaça e Cruz, 1995, p. 225-261; Canha, 1998-99, p. 103-114; 1999, p. 281-291; 2002; López Sáez *et alii*, 2000, p. 161-185).

#### 5. *Santo Antão* (Pêva, Moimenta da Beira)

Sobre a aldeia de Pêva levanta-se o outeiro cónico de Santo Antão tendo sido construída, na plataforma superior, a igreja dedicada a este santo. Por esta razão, mais uma vez o mão do homem moderno nos impede de fazer uma leitura mais concreta sobre o sítio.

Apresenta uma posição estratégica na paisagem com um extenso domínio visual em seu redor e com um controlo directo sobre o vale do rio Paiva.

As prospecções realizadas não forneceram informações muito seguras sobre a ocupação do local. Conhecem-se apenas alguns materiais cerâmicos de fabrico manual que poderão ser integrados nos finais da Idade do Bronze (Cruz, 2001, p. 393-394).

#### 6. *Inscrição do Cavalinho* (Alhais, Vila Nova de Paiva)

Trata-se de um penedo granítico que se ergue entre outros no topo de um outeiro aplanado próximo de Alhais de Cima. Deste local o domínio visual é amplo sobretudo para este e sul alcançando todo o vale do rio Paiva, assim como o povoado de Santo Antão.

Este penedo tem uma inscrição onde se lê FINIS (I'INIS) (Lusitanus, 1975, p. 96; Vieira, 2004, p. 135). A sua importância advém da hipótese de poder corresponder a um *terminus* que assinalaria a divisão territorial dos *Interanniensis* e dos *Coilarni* ou de um *trifinium* que marcaria a fronteira entre aqueles dois *populi* e os *Arabrigensis*.

#### 7. *Alto das Orquinhos* (Alhais, Vila Nova de Paiva)

Trata-se de um outeiro pouco acidentado, onde nascem as linhas de água que formam a Ribeira do Paúl.

Neste local foram recolhidos, numa fossa aberta no saibro, três espetos em bronze possivelmente do Bronze Final. No entanto, e embora tenham estado depositados no Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, foram levados por Russell Cortez e do paradeiro actual nada se sabe. (Cortez, 1945, p. 120-125; 1945-46, p. 351-354; 1951, p. 159-184; Corrêa, 1947, p. 198; Lusitanus, 1974, p. 241-263; Vilaça e Cruz, 1999, p. 73-99; Cruz, 2001, p. 392-393).

#### 8. *Santa Bárbara* (Ferreira de Aves, Sátão)

Trata-se de um esporão que se ergue sobre o ribeiro Corgo do Vale da Ribeira, uma linha subsidiária do rio Vouga. A vertente este é a de maior declive, enquanto que as restantes são de mais fácil acesso. Destacando-se na paisagem, alcança maior visibilidade para este e sobretudo para sul até ao rio Vouga.

Inês Vaz identifica o sítio como sendo um povoado da Idade do Ferro com uma muralha no lado ocidental. Aponta também a hipótese da sua romanização, baseado no conjunto de moedas de cobre referido no *Elucidário* de Viterbo (Vaz, 1991, p. 25; 1997, p. 99).

No entanto, a plataforma do topo deste monte sofreu uma terraplanagem para arranjos do espaço que envolve a capela de Santa Bárbara, o que alterou completamente a fisionomia do sítio.

E de facto, em 2002, foi efectuada por nós uma sondagem arqueológica de avaliação preliminar, que veio demonstrar a destruição quase total do que poderá ter sido a estrutura defensiva. Além de um amontoado de pedras decorrente da terraplanagem, não foi recolhido qualquer tipo de material que possa relacionar-se com a ocupação proto-histórica do sítio.

## 9. *Surrinha* (Aldeia de Nacomba, Moimenta da Beira)

Trata-se de um outeiro cónico com posição dominante na paisagem e com ampla visibilidade essencialmente para norte, sul e este. Para oeste faz-lhe frente a Serra do Leomil com cotas superiores a 1000 m. A SO, na base desta elevação, nasce o rio Paiva.

O ponto mais alto (961 m) deste monte foi surribado para a implantação de antenas de telecomunicações o que condiciona muito a análise do local.

Actualmente os vestígios que se detectam à superfície correspondem apenas a materiais cerâmicos muito corroídos e disformes, com a excepção de alguns fragmentos brunidos e um bordo esvasado. No entanto, Bento da Guia refere a ocorrência de “muitos achados de interesse arqueológico” tais como “pedaços de tijolos, de cerâmica, algumas moedas” (1984, p. 52, 53; 1997, p. 11, 147).

Deste modo, e embora com muitas reservas, a ocupação do sítio poderá ser atribuída ao Bronze Final / Idade do Ferro (Cruz, 2001, p. 393; Canha, 2002, p. 27). Hipótese que pode, por outro lado, ser reforçada pela presença de materiais também de cariz pré-histórico a cerca de 250 m para NE do morro da Surrinha. Aqui sobressai um pequeno esporão voltado à Aldeia de Nacomba, onde foi construída uma capela dedicada a S. Jorge. Dos materiais, destaca-se um bordo com incisões sobre o lábio provavelmente da transição Bronze Final / Idade do Ferro.

Este local, S. Jorge, vem sendo identificado como um povoado distinto da Surrinha (Cruz, 2001, p. 393) Todavia, ambos os topónimos poderão corresponder ao mesmo povoado, uma vez que estão integrados no mesmo relevo e se verifica a dispersão de materiais com características semelhantes desde o topo do monte, onde estão as antenas, até ao esporão onde está a capela.

## Os povoados intervencionados

Deste modo, destes oito povoados que se conhecem para o Alto Paiva, apenas três foram alvo de escavações arqueológicas: o povoado de Canedotes, o Castro de Vila Cova-à-Coelheira (Gama, 1940, p. 80-81; Cortez, 1945, p. 120-125, Cortez, 1945/46, p. 351-354; Azevedo, 1954, p. 2-40; Costa, 1979, p. 306-307; Pedro, 1995, p. 15; 1996, p. 179; Sousa, 1997: 159-160; Valinho e Loureiro, 1999, p. 293-300; Loureiro e Valinho, 2000, p. 495-505; López Sáez *et alii*, 2002/03, p. 157-173; Loureiro, 2003; Valinho, 2003; Vieira, 2004, p. 149-150) e o povoado do Muro. Faremos de seguida uma abordagem apenas destes dois últimos povoados, na medida em que foram estudados pelos signatários no âmbito dos projectos atrás referidos.

### 1. *O Castro de Vila Cova-à-Coelheira*

Este povoado situa-se na freguesia de Vila Cova-à-Coelheira, no concelho de Vila Nova de Paiva.

Está implantado na margem direita do rio Côvo no topo de um esporão granítico, que dispõe de excelentes condições naturais de defesa. A pequena plataforma que constitui o topo do monte (1 500 m<sup>2</sup>) foi delimitada a oeste e a norte por uma muralha em pedra, os pontos mais frágeis deste relevo. A sul e a este, esta defesa artificial é reforçada naturalmente por blocos graníticos e pelas encostas escarpadas que descem quase na vertical até ao rio. A metade sul está praticamente preenchida pelo substrato rochoso, o que restringe o espaço habitável.

O tipo de implantação topográfica e os relevos de cota muito superior que envolvem o local, conferem-lhe uma camuflagem quase que intencional não fosse pela relativa visibilidade da muralha. Tem, portanto, um alcance visual muito limitado para quase todos os sentidos.

Apenas para sul a visibilidade é maior, dominando o vale do Côvo até à confluência com o rio Paiva (Fot. 1).

A norte e a oeste do povoado, nas encostas próximas, estendem-se ruínas de uma aldeia medieval com uma cronologia ainda difícil de precisar<sup>2</sup>. Sabemos que os habitantes deste aldeamento terão usado o recinto muralhado, uma vez que recolhemos materiais desse período nas camadas superficiais. No entanto, por estarem descontextualizados e pela ausência de estruturas, não pudemos falar de uma ocupação efectiva do sítio, nem, por enquanto, apontar hipóteses para a sua funcionalidade no período medieval.

A muralha apresenta um aparelho pouco cuidado com as faces constituídas por pedras não afeiçoadas de grande e médio porte que assentam umas sobre as outras, conferindo-lhes alguma regularidade. O enchimento é de terra e pedras e a base é formada por blocos muito grandes. Pelo lado externo, é reforçada por um muro com o mesmo tipo de aparelho. E, pelo lado interno, desenvolve-se uma outra estrutura de reforço com cerca de 3 m de largura, mas de aparelho mais tosco definida por um alinhamento pétreo grosseiro. O corte efectuado permitiu avaliar que toda a estrutura defensiva se ergue sobre de uma base comum (Est. II).

Os trabalhos de escavação iniciaram-se em 1998 no interior da plataforma, onde foram efectuadas duas sondagens, cuja sequência estratigráfica permitiu fazer uma leitura diacrónica da ocupação nesta área.

A análise dos dados permite-nos falar de uma única fase de ocupação que integra dois momentos de utilização do espaço.

O primeiro momento corresponde à preparação do espaço para que se torne habitável. Nesta altura foi construído todo o aparelho defensivo e o terreno foi preparado através da regularização de terras ou através da criação de pisos de saibro compactado. Surgem as primeiras lareiras, em torno das quais se concentram as mais diversas actividades domésticas: moagem, consumo e preparação de alimentos, armazenagem, etc. Contudo, pela análise da dispersão e das características tipológicas e morfológicas dos materiais, nem todas as estruturas de combustão teriam desempenhado as mesmas funções, pois algumas terão sido apenas fontes de calor e luz.

---

<sup>2</sup> Hélio Reis (2002), baseado no estudo técnico-morfológico dos materiais cerâmicos de época medieval recolhidos nas camadas superficiais do Castro de Vila Cova-à-Coelheira, aponta para uma ocupação do povoado medieval entre o séc. XII e finais do séc. XIV / inícios do séc. XV.

Próximo de uma das lareiras, supomos que se desenrolaram actividades mais específicas, relacionadas com a moagem e torrefacção de bolota. Nesta zona, para além dos elementos de mó recolhidos, assinalam-se duas grandes concentrações de bolota (uma delas com mais de uma centena de metades de landes) e fragmentos cerâmicos com restos de matéria orgânica carbonizada.

O segundo momento é marcado por reestruturações do espaço doméstico que se reflectem quer através da implantação de novas lareiras quer através da sua reutilização.

Na área intervencionada, não foi possível avaliar a existência de estruturas habitacionais perfeitamente delimitadas. Todavia, as áreas onde se inserem as lareiras, cenários de múltiplas actividades atestadas pelos elementos da cultura material e restos vegetais e faunísticos, indiciam com segurança o carácter doméstico destes espaços. Por outro lado, os pisos e o único buraco de poste registados poderão pressupor a existência de cabanas possivelmente feitas em materiais perecíveis.

Dentro do espólio recolhido, o cerâmico é o mais expressivo, embora pobre e pouco diversificado a nível morfológico e decorativo. As peças são essencialmente de fabrico grosseiro, de cozedura redutora, de pastas friáveis e com elementos não plásticos de grande e média volumetria. As superfícies são sobretudo alisadas, verificando-se uma percentagem reduzida de fragmentos polidos, espatulados ou cepilhados.

A nível decorativo, contamos apenas com dez fragmentos: alguns têm incisões em espinha ou triângulos e outros têm cordões plásticos. Um fragmento de uma taça tem motivos em zig-zag na pança.

Dos materiais metálicos destacamos aqui um elemento pela importância que adquire no contexto em que se insere. Trata-se do machado de alvado de duplo anel de secção subquadrangular, em bronze, que foi recolhido junto a uma lareira datada pelo C14 ( $2590 \pm 40$ ).

A produção dos machados de alvado de duplo anel, de origem atlântica, verifica-se ao longo de todo o século VIII a. C. Na Península Ibérica conhecem-se cerca de meia centena de machados deste tipo, concentrando-se essencialmente em duas áreas: Noroeste e Estremadura (Coffyn, 1985, p. 219-221). A maioria está associada a contextos habitacionais, mas quase todos carecem de contextos estratigráficos seguros, que confirmem a sua cronologia. A excepção reside no fragmento de machado de alvado do Castro de Torroso (Mos, Pontevedra) que se insere entre os séculos VIII e VI a. C. (Peña Santos, 1987, p. 126-130; 1992, p. 27-29, 121).

Deste modo e de acordo com os dados de que dispomos, podemos dizer que a população do Castro de Vila Cova-à-Coelheira seria constituída certamente por um grupo pequeno de indivíduos, que terá ocupado o sítio de forma continuada e durante um curto espaço de tempo. As datações radiocarbónicas permitiram datar o sítio com segurança entre meados / finais do século IX e os inícios do século VIII a. C., que corresponde à última fase do Bronze Final, de acordo com as várias cronologias.

No entanto, alguns dos elementos que caracterizam este povoado, quando comparados com os restantes povoados do Bronze Final da região de Viseu, evidenciam um certo afastamento relativamente ao período de desenvolvimento económico, cultural, social e político que caracteriza este período.

Desta forma, o tipo de implantação, a estrutura defensiva e as características do conjunto ceramológico parecem distanciar este sítio dos atributos culturais e estruturais do Bronze Final. Embora, sejam já conhecidos povoados com sistemas defensivos neste período, a muralha de Vila Cova-à-Coelheira, sendo uma construção de grande porte associada a um complexo sistema de reforço, parece aproximar-se dos modelos conhecidos para os inícios da Idade do Ferro.

Por outro lado, o espólio cerâmico é, talvez, o elemento que mais acentua o isolamento e a ruptura desta comunidade relativamente ao denominado “horizonte cultural de Santa Luzia / Baiões”, na medida em que apresenta diferenças significativas relativamente às cerâmicas de povoados da região e sobretudo de Canedotes (Vila Nova de Paiva), aproximando-se mais das cerâmicas típicas dos inícios da Idade do Ferro.

Assim, apesar da quase inexistência de casos de comparação dentro da região do Alto Paiva, podemos colocar a hipótese de estarmos diante de um povoado que, embora inserido cronologicamente nos finais do Bronze Final, demonstra sinais de mudança em relação ao que padroniza culturalmente este período, aproximando-se por isso da Idade do Ferro.

## 2. *O Muro*

O povoado do Muro (Pera Velha, Moimenta da Beira) está implantado sobre um esporão, nos limites da superfície fundamental da Serra da Nave. Detém uma posição geográfica excelente dominando visual-

mente o vale do rio Paiva, a sul e a este. A oeste e a norte, a visibilidade é mais limitada.

No local foram identificados dois recintos (A e B), delimitados por um talude de terra e pedra que aproveita os afloramentos rochosos.

Os trabalhos arqueológicos decorreram apenas no recinto A. Este, é de maiores dimensões e encontra-se entre duas linhas de água. As condições naturais de defesa, concedidas pelas fragas graníticas e escarpas, foram complementadas com um talude de terra e pedras que chega a atingir os 5 m de altura. No interior do recinto distribuem-se pequenas plataformas entre os grandes batólitos graníticos, sendo visíveis restos de estruturas em pedra.

No que respeita à estrutura defensiva trata-se de um talude construído com terra e pedra e de uma muralha em pedra. No entanto, sobre esta questão torna-se muito prematuro avançar com uma caracterização mais detalhada, uma vez que esta área ainda se encontra em fase de escavação (Fot. 2).

Foram efectuadas escavações em duas plataformas, onde registámos duas estruturas de planta rectangular com cerca de 9 m de comprimento e 5 m de largura, que identificamos como espaços habitacionais. Admitimos, no entanto, que a sua funcionalidade poderá ir para além da utilização habitacional.

A casa do Sector I tem um pequeno anexo também de planta rectangular mas de cantos arredondados. E, embora, já muito alterado pelos níveis de destruição do sítio, registamos em alguns pontos da casa um nível de piso em saibro compactado. No interior, junto à parede este assinalou-se uma lareira.

Na entrada da casa, que está voltada a norte, regista-se um lajeado ainda parcialmente escavado.

A oeste, entre um grande bloco granítico e esta estrutura rectangular, começou-se a definir uma outra estrutura, mas de planta circular (Fot. 3).

No sector II foi escavada parte de uma casa também de planta rectangular semelhante à do sector I e também com uma lareira junto à parede este.

Para sul da área escavada, após a limpeza superficial da vegetação rasteira pudemos registar uma estrutura circular com cerca de 4 m de diâmetro que se evidencia entre o amontoado de pedras.

No que diz respeito ao material cerâmico exumado, embora as observações que aqui fazemos sejam preliminares, uma vez que o espó-

lio se encontra ainda em estudo, parece inserir-se entre uma fase avançada da Idade do Ferro e os inícios da Época Romana.

Numa primeira análise destes materiais, verificam-se os dois tipos de fabrico, manual e a torno. As pastas variam entre as pouco compactas e compactas, sendo as cozeduras essencialmente redutoras e oxidantes. Uma percentagem considerável tem pastas muito micáceas. No que diz respeito a formas, registam-se potes de dimensão média e pequena com panças bojudas e bordos essencialmente arredondados ou em aba. Alguns fragmentos parecem, no entanto, corresponder a peças muito grandes, possivelmente de armazenagem. Registam-se alguns fragmentos com decoração incisa com linhas e estampilhada com círculos concêntricos ou SSS horizontais formando bandas ou linhas horizontais simples.

Recolheram-se ainda alguns cossoiros em cerâmica e fragmentos de tégula associados às casas rectangulares.

No que diz respeito ao material lítico, foram recolhidos elementos de mós giratórias, sendo a maioria, e alguns dormentes de mós manuais de vai-e-vém.

Recolheram-se também algumas contas de colar.

Do material metálico contam-se alguns fragmentos de ferro muito disformes e corroídos e restos de escória de ferro, associados às casas rectangulares.

Também associados a estas construções e em ambos os sectores, foram exumados alguns fragmentos de vidro.

Estes são por agora os poucos dados de que dispomos sobre o sítio. A área escavada corresponde ainda e apenas a uma pequena parte da área total do povoado, pelo que não reflecte toda a sua complexidade.

Poderemos, por enquanto apontar a possibilidade da existência de dois momentos de ocupação. Esta hipótese baseia-se na ocorrência de materiais cerâmicos que ostentam diferenças significativas entre si e que foram recolhidos em contextos diferentes e na ocorrência de estruturas também distintas entre si, as de planta circular e as de planta rectangular. Deste modo, se por um lado, os materiais recolhidos no interior da estrutura circular do Sector I, de fabrico manual, de pastas friáveis e micáceas e de cozedura essencialmente redutora parecem apontar para a Idade do Ferro, assim como os elementos decorativos de que falámos. Por outro lado, os materiais cerâmicos e os fragmentos de vidro recolhidos no interior das estruturas rectangulares de ambos os sectores remetem-nos para o período romano.

No entanto, torna-se ainda muito precipitada uma atribuição cronológica segura para a ocupação ou ocupações deste povoado. As datações radiocarbónicas deste sítio estão já em preparação.

## Considerações finais

A primeira observação que podemos fazer ao analisarmos os elementos de que dispomos para caracterizar o povoamento humano no Alto Paiva durante o I.º milénio a. C. é precisamente a escassez de dados. Pois, se por um lado, o número de povoados e outros vestígios arqueológicos conhecidos é muito reduzido para a vasta região do Alto Paiva; por outro lado, confrontamo-nos com a falta de informação segura sobre a maioria dos sítios, sobretudo no que diz respeito à sua cronologia que, na maior parte dos casos, só é possível aventar devido aos poucos elementos materiais recolhidos em prospecções (Est. I).

Dos oito povoados identificados na região, apenas quatro foram alvo de intervenções arqueológicas. No entanto, a sondagem efectuada no povoado de Santa Bárbara não forneceu qualquer informação relevante para o conhecimento e confirmação deste sítio como sendo um povoado com ocupação proto-histórica. Deste modo, dispomos apenas de informações seguras provenientes de três sítios – o povoado de Canedotes, o Castro de Vila Cova-à-Coelheira e o povoado do Muro – que têm contudo cronologias e características distintas, não sendo por isso possível fazer uma leitura geral diacrónica da ocupação humana neste período. Por outro lado, temos consciência de que os resultados de apenas três sítios não poderiam bastar para preencher esse quadro evolutivo num período cronológico tão vasto e repleto de complexidades e que, certamente, encerra mudanças a nível económico, social, político e cultural.

Através da análise do conjunto dos elementos pudemos mesmo assim tecer algumas considerações gerais.

Desta forma, dos oito povoados identificados, dois registam uma ocupação apenas durante o Bronze Final (Canedotes e Santo Antão) e quatro são ocupados entre este período e a Idade do Ferro (Outeiro da Maga, Surrinha e Castro de Vila Cova-à-Coelheira). No caso do Castro de Vila Cova-à-Coelheira sabemos, pelos resultados das escavações, que foi ocupado num espaço de tempo muito curto, numa fase de transição entre o Bronze Final e os inícios da Idade do Ferro. Apenas o povoado de Castro Daire regista uma ocupação mais longa desde o Bronze Final

até à Época Romana. Os restantes povoados, nomeadamente o Muro e Santa Bárbara (apesar das muitas reservas que depositamos sobre este sítio) têm o seu início de vida na Idade do Ferro, prolongando-se até ao período romano. Assim, cronologicamente, a diversidade dos povoados encontra-se bem representada numa sequência temporal que irá desde o Bronze Final ao Período Romano, mas com grandes intermitências de ocupação. Os dados de escavação e prospecções até agora reunidos sugerem realidades diversas do povoamento. Por um lado, a ocupação dos sítios parece caracterizar-se por uma utilização dos espaços de curta duração sem reocupações aparentes. Isto é, um grupo de pessoas terá ocupado estes lugares durante algumas gerações, tendo sido depois abandonados. Noutros casos, alguns dos sítios datados do Bronze Final / Idade do Ferro teriam sido reocupados no período Romano. Na verdade, esta realidade neste período parece ser semelhante aos casos identificados na Beira Baixa (Vilaça, 2000, p. 161-182).

Um outro aspecto que nos parece importante referir diz respeito ao tipo de implantação destes povoados. A maioria está implantada em pontos estratégicos da paisagem alcançando um amplo domínio visual sobre o território envolvente, controlando vales com extensas áreas férteis, linhas de água secundárias e cursos de rios mais importantes, assim como corredores naturais que teriam, certamente, funcionado como vias de comunicação. Esta é, de facto, uma característica comum a quase todos os povoados, independentemente da sua cronologia dentro do I.º milénio a. C. O sentido de território e a necessidade do seu domínio relacionada com um intenso aproveitamento dos recursos agro-pastoris parece estar bem patente entre estas comunidades.

Deste modo, o estudo do povoamento do Alto Paiva no I.º milénio a. C. começa a tomar alguma forma. No entanto, este quadro continua ainda repleto de lacunas e hiatos cronológicos e culturais que só com futuros trabalhos de prospecção intensiva e de escavação nos povoados identificados podemos tentar corrigir.

Coimbra/Viana do Castelo, 2005 / 2006

## BIBLIOGRAFIA

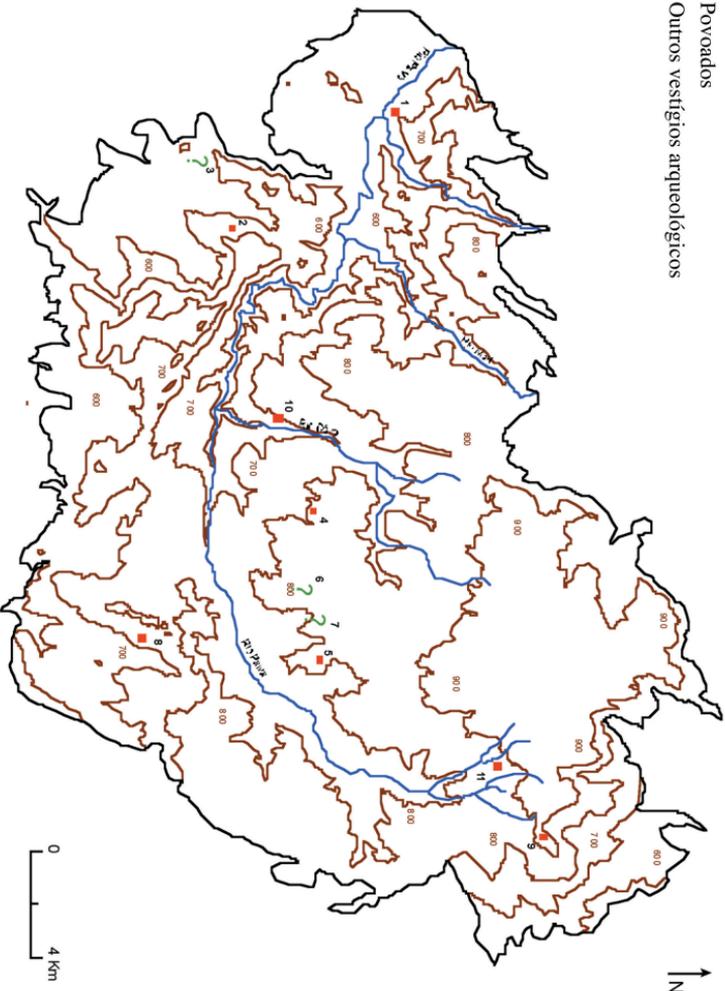
- ALARCÃO, J. (1988a), *O Domínio Romano em Portugal*, Fórum da História, 1, Lisboa, Publicações Europa-América.
- ALARCÃO, J. (1988b), *Roman Portugal*, vol. II, Warminster, England.

- ALARCÃO, J. (1996a), “As origens do povoamento da região de Viseu”, *Conimbriga*, XXXV, Coimbra, pp. 5-35.
- ALARCÃO, J. de (1996b), “O primeiro milénio a. C.”, *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, pp.118-133.
- AZEVEDO, R. (1954), “A inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire) – Documento musical único na Europa (Elementos para a sua interpretação)”, *Beira Alta*, 13:1-2, Viseu, pp. 3-40.
- BALMORI, H. (1935), “Sobre la inscripción bilingue de Lamas de Moledo”, *Emerita*, 3, pp. 77-119.
- CANHA, A. J. (1998-99), “Povoado de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu). Notícia preliminar das 1ª e 2ª campanhas”, *Portugalia*, n.s., XIX/XX, Porto, pp. 103-114.
- CANHA, A. J. (1999), “Canedotes (Vila Nova de Paiva), povoado do Bronze Final. Notícia preliminar das escavações do Sector II”, *Estudos Pré-históricos*, 7, Viseu, pp. 281-291.
- CANHA, A. J. (2002), *Canedotes: povoado do Bronze Final do Alto Paiva*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto. Porto. Policopiado.
- COFFYN, A. (1985), *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Bordéus.
- CORRÊA, A. A. M. (1947), “Centro de Estudos de Etnologia Peninsular”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XI (1-2), Porto, pp. 195-202.
- CORREIA, A.; ALVES, A.; VAZ, J. L. I. (1986), *Castro Daire*, Câmara Municipal de Castro Daire, Castro Daire.
- CORTEZ, F. R. (1945), “Peça de ourivesaria visigótica de Vila Nova de Paiva”, *Beira Alta*, 4:2, Viseu, pp. 120-125.
- CORTEZ, F. R. (1945-46), “Ponteira de um punhal visigótico de Vila Nova de Paiva”, *Ampurias*, VII-VIII, Barcelona, pp. 351-354.
- CORTEZ, F. R. (1951), “Das populações pré-celtas do Norte de Portugal”, *Boletim da Associação de Filosofia Natural*, II, n.º 21, Porto, pp. 159-184.
- COSTA, M. G. (1979), *História do Bispado e Cidade de Lamego II. Idade Média: Paróquias e Conventos*, Lamego.
- CRUZ, D. J. (2001), *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história Recente*, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, policopiado, Coimbra.
- CURADO, F. P. (1989), “As inscrições indígenas de Lamas de Moledo (Castro Daire) e do Cabeço de Fráguas, Pousafoles (Sabugal): duas teogonias, diferente etnogénese?”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 349-370.
- CURADO, F. P. (1996), “As inscrições de Lamas de Moledo e Cabeço de Fráguas”, *De Ulisses a Viriato – o primeiro milénio a. C.*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 154-159.
- DIAS, M. M. A. (1991), “O deus *Arus* (?) de Castro Daire, Viseu, Portugal (CIL 5247)”, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 361-366.
- ENCARNAÇÃO, J. (1975), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- FIGUEIREDO, A. C. Borges de (1887), “Ara romana descoberta em Castro Daire”, *Revista Archeologica e Histórica*, I, pp. 52-57.
- GAMA, G. Manuel Fonseca da (1940), *Terras do Alto Paiva. Memória histórico-geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova do Paiva*. Lamego.
- GOMEZ MORENO (1942), *Boletim del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia de la Universidad de Valladolid*, Tomo VIII.
- GUIA, A. B. (1984), *Os Oito Concelhos de Moimenta da Beira*, Câmara Municipal de Moimenta da Beira.
- GUIA, A. B. (1997), *As Vinte Freguesias de Moimenta da Beira*, 2.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal de Moimenta da Beira.
- LÓPEZ SÁEZ, J. A.; LÓPEZ GARCÍA, P.; CRUZ, D. J.; CANHA, A. J. (2000), “Paleovegetação e impacto humano durante a Pré-história Recente na Região do Alto Paiva: palinologia do povoado do Bronze Final de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos*, 8, Viseu, pp. 161-185.
- LÓPEZ SÁEZ, J. A.; VALINHO, A.; LOUREIRO, S. (2002-2003), “Paleovegetação na transição Bronze Final/Ferro no Alto Paiva: palinologia do Castro de Vila Cova-à-Coelheira (Vila Nova de Paiva, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos*, 10-11, Viseu, pp. 157-173.
- LOUREIRO, S.; VALINHO, A. (2000), “O Castro de Vila Cova-à-Coelheira na Idade do Ferro do Alto Paiva: resultados preliminares”, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. V, Porto, pp. 495-505.
- LOUREIRO, S. (2003), *O Castro de Vila Cova-à-Coelheira: a ocupação proto-histórica*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto. Porto. Policopiado.
- LUSITANUS, C. (1974), “Em Terras da Lusitânia. Apontamentos sobre a Arqueologia de alguns lugares da Beira Alta no distrito de Viseu: Nogueira de Côta, Vila Nova de Paiva e Alhais”, *Beira Alta*, 33: 2, Viseu, pp. 241-263.
- LUSITANUS, C. (1975), Em terras da Lusitânia. *Beira Alta*, 34:1, Viseu, pp. 89-101.
- PEDRO, I. (1995), *O povoamento Proto-histórico da região de Viseu*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras do Porto, policopiado, Porto.
- PEDRO, I. (1996), “Estruturas defensivas e habitacionais de alguns povoados fortificados da região de Viseu”, *Mathesis*, 5, pp. 177-203.
- PEÑA SANTOS, A. de la (1987), “El Castro de Terroso (Mos, Pontevedra). Resumen de tres años de excavaciones”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 37:1-4, Porto, pp. 113-133.
- PEÑA SANTOS, A. de la (1992), *Castro de Torroso (Mos, Pontevedra)*, Arqueoloxía / Memórias, 11, Corunha.
- REIS, H. (2002), *A cerâmica medieval do Castro de Vila Cova-à-Coelheira*, Seminário de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SILVA, A. C. F. da (1986), *A cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
- SOUSA, J. R. (1997), *Concelho de Vila Nova de Paiva*, Viseu.
- TOVAR, A. (1967), *L'inscription du Cabeço de Fráguas et la langue des lusitaniens*, Études Celtiques, XI.

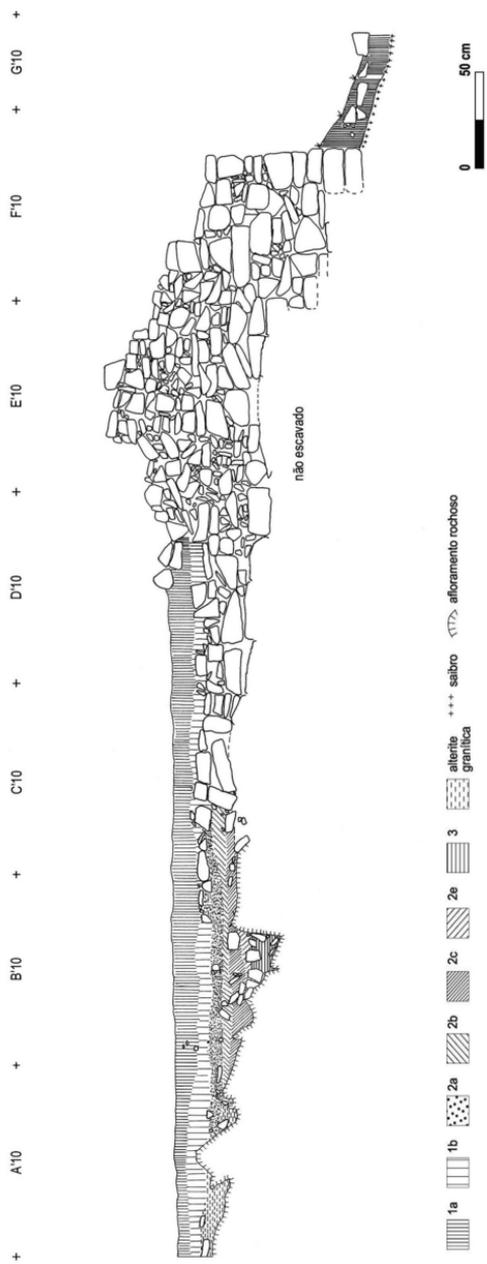
- VALINHO, A. e LOUREIRO, S. (1999), O Castro de Vila Cova-à-Coelheira (Vila Nova de Paiva, Viseu). *Estudos Pré-históricos*, 7, Viseu, pp. 293-300.
- VALINHO, A. (2003), *A Ocupação Humana no Alto Paiva no I.º Milénio a. C.: uma abordagem espacial*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto. Porto. Policopiado.
- VAZ, J. L. I. (1988), “Divindades indígenas na inscrição de Lamas de Moledo”, *Beira Alta*, 48: 3-4, Viseu, pp. 345-358.
- VAZ, J. L. I. (1990), “Novos povoados pré-romanos da região de Viseu”, *Livro do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 14-18.
- VAZ, J. L. I. (1991), *Para uma Carta Arqueológica do Concelho de Sátão*, Viseu.
- VAZ, J. L. I. (1997), *A Civitas de Viseu (Espaço e Sociedade)*, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, 2 vols.
- VIEIRA, M. (2004), *O Alto Paiva: o Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Trabalhos de Arqueologia, 36, Lisboa.
- VILAÇA, R. e CRUZ, D. J. (1995), “Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu). Povoado pré-histórico do Bronze Final”, *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 225-261.
- VILAÇA, R. e CRUZ, D. J. (1999), “Práticas funerárias e culturais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta”, *Arqueologia*, 24, Porto, pp. 74-99.
- VILAÇA, R. (2000), “Registos e leituras da Pré-história recente e da Proto-história antiga da Beira Interior”, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV, Porto, pp. 161-182.

- Povoados
- ? Outros vestígios arqueológicos



*O Alto Paiva com a localização dos vestígios arqueológicos (Carta de Portugal, esc. 1/100.000, folha 14).*

1. Castro Daire (C. Daire); 2. Outeiro da Maga (C. Daire); 3. Lamas de Moledo (C. Daire); 4. Canedotes (V. Nova de Paiva); 5. Sto. António (Moimenta da Beira); 6. Inscrição do Cavalinho (V. Nova de Paiva); 7. Alto das Orquínhas (V. Nova de Paiva); 8. Sta. Bárbara (Sátão); 9. Surrinha (Moimenta da Beira); 10. Castro de Vila Cova-à-Coelheira (V. Nova de Paiva); 11. Muro (Moimenta da Beira)



Castro de Vila Cova-à-Coelheira: corte Sul-Norte da Sondagem I



FOTO 1 – *O Castro de Vila Cova-à-Coelheira (Vila Nova de Paiva). Vista Sul*



FOTO 2 – *O povoado do Muro (Moimenta da Beira). Vista Sul*



Foto 3 – O povoado do Muro (Moimenta da Beira): vista geral do Sector I